

A ATUALIDADE DA EDUCAÇÃO POPULAR COMO LEGADO PARA EJA: contribuições de Paulo Freire e as perspectivas/possibilidades de uma Educação Popular emancipatória e humanizadora

Jocélia Barbosa Nogueira, Café com Paulo Freire Manaus¹

Temática: A atualidade da Educação Popular (EP) como legado para a Educação de Jovens e Adultos (EJA): Contribuições de Paulo Freire e as perspectivas/possibilidades de uma educação popular emancipatória e humanizadora

Convidados: Profa. Dra. Liana Borges (Curadora da Rede Nacional Café com Paulo Freire), Profa. Dra. Maria Aparecida de Melo (UFRN), Prof. Dr. Augusto Rosa (UPE), Prof. Dr. José Alcimar de Oliveira (FILOSOFIA-UFAM), Ana Grijó dos Santos (NEPE/UFAM), Profa. Esp. Francimar S. Júnior (Movimento da Mulheres Negras da Floresta Dandara), Prof. Especialista Nilton Teixeira (Fórum EJA-CEE), Doutorando Edilson Albarado (PPGEAD/UFPA), Profa. Dra. Ronney Feitoza (NEPE/FACED/UFAM)

Mediação: Profa. Dra. Jocélia Barbosa Nogueira (NEPE/FACED/UFAM e Curadora do Café com Paulo Freire de Manaus (NEPE/FACED/UFAM).

Data: 22 de novembro de 2021 – 18h30min às 22h

Canal: Canal do Youtube TV UFAM

Número de participantes: 100 pessoas

Síntese: No decorrer de nosso Café com Paulo Freire ecoaram várias vozes que nos afirmam quem é Paulo Freire. A nossa mesa virtual foi composta por professores militantes na defesa do educador, com destaque para a voz que veio do Rio Grande do Norte, Maria Aparecida Vieira de Melo, trazendo-nos quem são os sujeitos da Educação de Jovens e Adultos (EJA), enfatizando os eixos da Educação Popular (EP) na EJA e o recado de Paulo Freire quanto à autenticidade exigida na prática de ensinar-aprender, inclusão social e combate às desigualdades sociais.

Na fala da Liana Borges percebemos a esperança, especialmente quando nos demonstrou amorosidade em nos fazer ver que somos coletivos de direitos, pois, em sua fala destemida, asseverou que devemos nos manter na resistência para que a EJA tenha políticas públicas de acordo com as necessidades de jovens e adultos: de aprender, ler a vida, o mundo, de defender a sua própria existência, de dar

¹ Professora do Departamento de Administração e Planejamento da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-Graduação - PROF-FILO - da Faculdade de Filosofia da Universidade Federal do Amazonas. E-mail: jocelia.bnogueira@hotmail.com

prioridade aos excluídos e oprimidos.

Dando continuidade ao debate, o professor José Alcimar de Oliveira destacou que Paulo Freire é um pensador do oprimido como classe. Assim, faz uma reflexão importante acerca do livro mais difundido de nosso Patrono da Educação Brasileira – Pedagogia do oprimido². E, neste ano (2021), de acelerado retrocesso político, o Brasil que se recusa a entregar o futuro às forças do ódio organizado como forma de governo, celebra o centenário de nascimento de seu maior educador, Paulo Freire, nascido em 19 de setembro de 1921.

Quase 40 anos depois de sua vinda a Manaus, há pelo menos cinco anos do golpe jurídico, parlamentar e empresarial, de 2016, atribuído à Dilma Rousseff, fomos submetidos a mais retrógrada campanha de desqualificação que já se fez a um pensador brasileiro. Paulo Freire é vítima de um duplo exílio no Brasil: em vida, em 1964; e pós-morte, a partir dos ataques advindos do governo federal. Enquanto seus leitores, estudiosos e militantes de sua práxis educativa e libertadora sentem-se intimidados - e muitos nem ousam pronunciar seu nome -, seus opositores andam à solta, nas instituições de ensino e fora delas, a atacá-lo sem que jamais tenham tido contato com o seu legado pedagógico.

Vítima do ódio e da ignorância de gente reacionária, Paulo Freire é Brasil da amorosidade, da alegria e do esperar; o Brasil de Paulo Freire, o nosso Brasil, é o país da educação como prática de liberdade. Em Paulo Freire, método não é procedimento técnico, é, antes, teoria do conhecimento. Paulo Freire não criou um método, mas uma teoria dialética (porque dialógica) da educação, na qual o oprimido se reconhece como classe e assume para si, como sujeito social, a tarefa de construir um mundo sem opressão e feito para todas e todos.

Esteve também em foco, neste Café com Paulo Freire, na voz aguerrida da professora Francimar Júnior, a discussão em torno da educação popular, afirmando que ela é um método educacional que valoriza o conhecimento que os/as alunos/as já possuem, que trazem na bagagem suas realidades culturais, na busca da possibilidade de construir novos saberes, novos caminhos, novas formas de fomentar o conhecimento.

A EP nasce do anseio dos movimentos de base de potencializar o trabalhador/trabalhadora, a partir de suas necessidades, a realizar uma leitura crítica

² FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

da sociedade, dos espaços políticos, da formação propriamente dita. A EP nos mostra caminhos diversos, possibilidades da partilha do conhecimento, em ciclo, em todos os espaços possíveis, onde encontramos nosso povo.

Importantes indagações ecoam:

Quem, melhor que os oprimidos, se encontrará preparado para entender o significado terrível de uma sociedade opressora? “Quem sentirá, melhor que eles, os efeitos da opressão?” “Quem, mais que eles, para ir compreendendo a necessidade da libertação?” Libertação que não chegará pelo acaso, mas pela práxis de sua busca; pelo conhecimento e reconhecimento da necessidade de lutar por ela. Luta que, pela finalidade que lhe derem os oprimidos, será um ato de amor, com o qual se oporão ao desamor contido na violência dos opressores, até mesmo quando está se revista da falsa generosidade referida (FREIRE, 1987, p. 31).³

Paulo Freire mostra que na educação é necessária como uma prática da liberdade. Quanto mais se problematizam os educandos como seres no mundo, mais se sentirão desafiados, desafiadas, e responderão de forma positiva; ao contrário de uma educação bancária, domesticadora, que apenas ‘deposita’ os conteúdos nos alunos.

Defensor do saber popular e da conscientização para a participação, Paulo Freire inspirou (e inspira) muitos movimentos sociais que lutaram (e lutam) em busca da equidade social. As premissas de Freire motivam até hoje ações da sociedade civil, dos grupos de base a favor da efetivação da cidadania.

Nesta mesma direção, ouvimos Ronney Feitoza declarar seu lugar de ação e reflexão como membro bolsista e, depois, como coordenadora NEPE/FACED/UFAM. Nos trouxe a trajetória histórica dos projetos desenvolvidos desde a década de 1990 e sua dedicação à pesquisa em EP, EJA e movimentos sociais, histórias de luta, resistências, constituídas de pesquisa e conhecimento para a construção de uma educação crítica e emancipatória.

A Educação Popular é fonte de energia para formação de jovens e adultos, possibilitando transformar o chão da escola num grande palco com atores e atrizes, performando em um ato apenas, mediados pelo diálogo do teatro do oprimido/oprimida na transformação da realidade. Na linha da EP, a Educação de Jovens e Adultos é o caminho para um coletivo de passos fortes, críticos e autênticos. É como abrir os olhos e ver a luz pela primeira vez. Paulo Freire nos

³ FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 32ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

ajuda a enxergar os caminhos possíveis para uma sociedade alfabetizada politicamente.

Para o professor Nilton Carlos é importante pontuar que a pandemia trouxe problemas para toda a educação, sobretudo, para as escolas públicas, mais especificamente aquelas localizadas nas periferias e nas zonas rurais. Porém, ao focarmos a EJA, a situação se acentua mais, porque, em geral, os alunos das escolas que atendem a modalidade da EJA são oriundos da população mais pobre e em situação de vulnerabilidade. Portanto, é preciso de estímulos e políticas públicas de EJA. Precisamos pensar em um programa, uma política voltada para os estudantes desta modalidade de ensino, pois a maioria das alunas e alunos não têm acesso a informática. Muitos, inclusive, têm dificuldade de manusear um aparelho eletrônico ou responder um *e-mail*. Um dos maiores problemas com o ensino remoto é justamente a questão do acesso e uso da internet. Em se tratando da região Norte, mais especificamente do Amazonas e das *Amazônias* mais profundas, a falta de acesso é ainda maior.

O destaque feito pela companheira Ana Grijó, nos faz refletir acerca da temática em questão e da importância do Café com Paulo Freire. A partir de nossas experiências com a proposta pedagógica da educação para a emancipação humana, podemos afirmar o nosso compromisso com um processo educativo que rompe com a tradição educacional, que apenas oportunizava a uma minoria social, para conferir à educação um conteúdo diferente, comprometido com uma dimensão ativamente social e política. Em se tratando da Amazônia, lugar de minha fala, digo que Paulo Freire não a deixou de pensar, pois defendeu sempre a cultura, o meio ambiente e a vida dos povos indígenas, dos rios e das florestas. Sua pedagogia foi pensada a partir da realidade dos educandos, reflexão sobre si mesmo, reflexão sobre o ser humano e sua relação com o mundo.

As contribuições do doutorando Edilson Albarado trazem sua trajetória na militância com a EP e com a EJA, por uma educação libertadora e de muita superação, pois, as canoas, os barcos e os navios que navegam nos Rio Amazonas, que banha a ilha de Parintins, não cessam suas trajetórias em busca do conhecimento para esperar por dias melhores.